

# A DOMINAÇÃO COLONIAL VISTA PELOS INDÍGENAS BRASILEIROS

*Rioldo Azzi*

São muitos os documentos que nos permitem avaliar a posição assumida pelos conquistadores e colonizadores com relação aos povos ameríndios. Não obstante, apenas de forma indireta pode-se conhecer a imagem que as populações indígenas do Brasil fizeram a respeito dos Europeus que aqui aportaram a partir do século XVI. Só é possível estudar esse modo de ver dos índios analisando os relatos e documentos produzidos pelos próprios conquistadores. Constitui uma tarefa importante o rastreamento desses elementos que permitam compreender melhor o impacto gerado pela presença dos brancos no território indígena, não obstante as inevitáveis mal-entendidos e distorções. É dentro desse horizonte que realizei este estudo.

Como premissa inicial, é oportuno ter presente que até meados do século XVII diversos povos europeus disputavam os produtos naturais da nova terra brasileira, especialmente franceses, holandeses, espanhóis, não

conformados com a apropriação do território feita pelos portugueses. Não obstante, durante todo esse período a presença indígena continuava a ser muito forte, tanto no litoral como no interior. Enquanto na região mais central o domínio indígena era irrisório, na costa diversos grupos indígenas conviviam lado a lado com pequenos núcleos de população européia, seja de forma pacífica através de alianças, seja confinados em aldeamentos para serem catequizados, seja reduzidos ao trabalho forçado e à escravidão nas vilas e lavouras lusitanas. Simultaneamente, também, diversas tribos indígenas continuavam mantendo nesse período guerras entre si e com os brancos, definindo-se nesses combates ora em favor dos franceses, ora dos holandeses, ou dos espanhóis e portugueses.

Durante o século XVI os indígenas se agrupavam em dois ramos principais. Os tapuias, mais primitivos em suas expressões culturais, habitavam no interior, enquanto os tupis tinham

o domínio do litoral. Fernão Cardim refere-se a cerca de 76 povos tapuias e 10 nações tupis.

Pouco a pouco diversos desses grupos indígenas foram entrando em contato com os europeus.

## I. O RECONHECIMENTO DA SUPERIORIDADE DOS BRANCOS

O primeiro contato com os europeus causou grande impacto sobre os indígenas, que os consideravam como seres superiores. De fato, os índios ficaram deslumbrados diante do avanço das técnicas utilizadas pelos europeus no seu domínio sobre a natureza. As embarcações, as armas de guerra e os instrumentos de trabalho dos brancos apresentavam níveis de qualidade que os índios nunca poderiam ter imaginado. Além disso, o modo de vestir e de viver dos europeus era totalmente diferente dos hábitos culturais indígenas.

Ao descrever a chegada de Pedro Álvares Cabral e seus homens, Frei Vicente do Salvador enfatiza esse aspecto:

"Ali desembarcou o dito capitão com seus homens para pejearem, porque mandou primeiro um batel com alguns a descobrir campo, e deram novas de muitos gentios que viram; porém não foram necessárias armas, porque só de verem homens vestidos e calçados, brancos e com barba (do que tudo eles carecem), os tiveram por divinos e mais que homens, e assim chamando-lhes caraíbas, que quer dizer na sua língua

"coisa divina", se chegaram pacificamente aos nossos. Donde, assim como os índios da Nova Espanha, quando viram desembarcar nela os espanhóis, lhes chamaram viracoches, que significa "escumas do mar", parecendo-lhes que o mar lançara de si como escumas, e este nome lhes ficou sempre, assim somos ainda destroutos chamados caraíbas e respeitados mais que homens"<sup>1</sup>.

O desejo de possuir objetos trazidos pelos brancos como tesouras, pentes, espelhos, canivetes, facas e roupas era imenso. Essa admiração diante dos avanços da cultura européia aparece claramente no ritual de recepção dos hóspedes existentes entre os indígenas, como descreve Jean de Lery:

"Em seguida reúnem-se as mulheres em torno da rede, e acoradas no chão põem a mão nos olhos e pranteiam as boas-vindas ao hóspede, dizendo mil coisas em seu louvor, como por exemplo: Tiveste tanto trabalho em vir ver-nos. És bom. És valente. Se o estrangeiro é francês ou europeu acrescentam: Trouxeste coisas muito bonitas que não temos em nossa terra"<sup>2</sup>.

Segundo o próprio Jean de Lery, os indígenas expressavam seu contentamento porque através do encontro com os europeus obtinham objetos que tornavam a própria vida mais feliz, como fora desejada pelos antepassados. Por isso, ao redigir um colóquio entre um francês e um tupi-

nambá, ele coloca na boca deste último:

"Nossos avós queriam ter visto, entretanto não viram. Eis aí o que quiseram tantos os nosso avós para nós. Nossa tristeza suprimem"<sup>3</sup>.

Análogas expressões aparecem na descrição do ritual de hospedagem feita por frei Vicente do Salvador, ao referir-se aos tapuias:

"O que também fazem os portugueses que vão às suas aldeias, principalmente se lhes entendem a língua, maldizendo no choro a pouca ventura que seus avós e os mais antepassados tiveram que não alcançaram gente tão valorosa como são os portugueses, que são senhores de todas as coisas boas que trazem à terra, de que eles dantes careciam e agora as tem em tanta abundância, como são machados, foices, anzóis, facas, tesouras, espelhos, pentes e roupas, porque antigamente coçavam os matos com cunhas de pedra e gastavam muitos dias em cortar uma árvore, pescavam com uns espinhos, faziam o cabelo e as unhas com pedras agudas, e quando se queriam enfeitar faziam de um alguidar de águra espelho, e que desta maneira viviam mui trabalhados, porém agora fazem suas lavouras e todas as coisas mais com muito descanso, pelo que os devem de ter muita estima"<sup>4</sup>.

Chamava muita atenção dos índios a utilização de instrumentos de guerra e de trabalho feitos com fer-

ro, enquanto eles serviam-se apenas de pedra e de madeira. Uma das maneiras através da qual os indígenas manifestam sua admiração por esse nível cultural dos brancos está vinculada a uma perspectiva religiosa. De fato Japiáçu, chefe dos tupinambás na ilha do Maranhão, assim expressa a crença indígena a respeito da superioridade européia, num discurso feito aos franceses em 1812:

"Sabemos... que há um Deus que criou todas as coisas, que é bom e que nos deu alma imortal. Acreditamos ainda que por causa da maldade dos homens e para castigar-nos fez o dilúvio, apenas escapando a este castigo um bom pai e uma boa mãe de quem descendemos todos. Éramos uma só nação vós e nós; mas Deus, tempos após o dilúvio, enviou seus profetas de barbas para instruir-nos na lei de Deus.

Apresentaram esses profetas ao nosso pai, do qual descendemos, duas espadas, uma de madeira e outra de ferro, e lhes permitiram escolher. Ele achou que a espada de ferro era pesada demais e preferiu a de pau. Diante disso o pai de quem descendestes, mais arguto, tomou a de ferro. Desde então fomos miseráveis, pois os profetas, vendo que os de nossa nação não queriam acreditar neles, subiram para o céu..."<sup>5</sup>

Dessa maneira, os indígenas atribuíam as diferenças culturais como decorrência de uma certa predes-

1. Vicente do Salvador, *História do Brasil. 1500-1627*, 7ª ED. Belo Horizonte, Itatiaia, 1982, p.56

2. Lery, Jean de, *Viagem à terra do Brasil*, Belo Horizonte, Itatiaia, 1980 p. 237

3. Lery, Jean de, o.c. p. 282

4. Fr. Vicente do Salvador, *História do Brasil. 1500-1627*, 7ª ed. Belo Horizonte, Itatiaia, 1982. P. 79

5. Claude D'abbeville, *História da Missão dos Padres Capuchinhos na ilha do Maranhão e terras circunvizinhas*, Belo Horizonte, Itatiaia, 1975, p.p 60-61

tinação religiosa, análoga à doutrina católica com relação ao castigo dos primeiros pais da humanidade, na qual haviam sido instruídos.

Outro elemento destacado para a afirmação da superioridade dos brancos era a escrita, como assinala Jean de Lery:

"Quando cheguei ao país e me pus a aprender-lhes a língua, escrevia sentenças e depois as lia diante deles; e julgavam que era feitiçaria, e diziam uns aos outros: não é maravilhoso que quem ontem não sabia uma palavra do nosso idioma possa hoje ser entendido com um pedaço de papel? Essa é também a opinião dos selvagens das ilhas espanholas, que foram os primeiros a imitá-la, pois diz o autor de sua história que vendo os espanhóis se entenderem de longe por meio de cartas os imaginaram dotados do dom da profecia, ao que as missivas falassem. E acrescenta ele que os selvagens, temerosos de ser descobertos, não mais mentiam aos espanhóis e lhes obedeciam cegamente".<sup>6</sup>

E Lery termina afirmando que os Europeus deviam agradecer a Deus por essa superioridade.

Também Martinho de Nantes assinala o espanto dos indígenas diante da escrita:

"Entre outras coisas, admiravam a escrita, que conservava tão fielmente a memória das coisas passadas... Pois que escrevia tudo para deixar memória certa aos que viessem depois de nós, e dava de tudo muitos

pormenores, para os fazer compreender melhor, de modo que ficavam persuadidos de que a escrita conservava a memória inviolável das coisas passadas, e que sem a escrita tudo acabava no esquecimento e se tomava o erro pela verdade, como eles podiam verificar pela experiência de todos os dias, esquecendo pouco a pouco o que já haviam aprendido".<sup>7</sup>

Em diversas áreas do conhecimento, portanto, os indígenas passaram a reconhecer a superioridade dos conquistadores europeus.

## II- O CELIBATO DOS MISSIONÁRIOS, UMA ATITUDE ESTRANHA

Se os europeus em geral eram considerados pelos indígenas brasileiros como dotados de conhecimentos superiores, havia um grupo deles que se apresentava com características específicas: eram os religiosos missionários.

O que mais despertava atenção dos índios era a observância do celibato. Duas razões principais são indicadas como causa dessa admiração.

Em primeiro lugar estava o fato de que os missionários não respeitavam a tradição de hospitalidade indígena, pois era costume que o chefe do grupo lhes oferecesse suas filhas para fazer-lhes companhia em sinal de amizade. Ora, tendo renunciado anteriormente ao exercício da vida sexual, os religiosos recusavam-se a receber essa oferta.

Em segundo lugar parecia estranha essa renúncia à convivência sexual, considerada pelos indígenas como muito saudável. Não podiam compreender, portanto, o motivo pelo qual os missionários se recusassem a usufruir desse prazer da natureza.

Quando Nóbrega e Anchieta estiveram entre os tamoios, visando reatar o pacto de amizade com os portugueses, deu-se um episódio desse gênero, assim relatado por Simão de Vasconcelos:

"Uma cousa sobre todas as outras tinha admirado esta gente e era esta grande continência que guardavam; porque tendo-lhes oferecido os principais daquelas aldeias liberalmente filhas e irmãs (costume comum entre eles, com a mesma chaneza e facilidade que se brindaram uma cuia e copo de vinho), viam que sempre os padres as rejeitaram. Disto passavam, e chegaram a perguntar-lhes, como era possível aborrecerem o que todos os outros homens apeteciam? Respondeu-lhes a isto o padre Nóbrega tirando da algibeira umas disciplinas, mostrando-lhes, e dizendo que magoando com aquelas seu corpo, asseguravam a continência, e se defendiam, de ímpetos lascivos e movimentos desordenados da carne. Aqui ficaram eles mais atônitos de coisa tão nova".<sup>8</sup>

Fato análogo ocorreu com os capuchinhos que vieram se instalar entre os tupinambás no Maranhão. Ao aceitar o pacto de amizade dos

franceses, o chefe Japiáçu dirigiu aos missionários estas palavras, conforme confere Claude D'Abbeville:

"Mas admira-se muito que vos outros/pai não desejeis mulheres. Descestes do céu? Nascestes de pai e mãe? Não sois homens como nós? E porque, além de não quererdes mulheres, ao contrário dos outros franceses que conosco negociam há quarenta e tantos anos, vós agora ainda impedis que os vossos companheiros usem de nossas filhas, o que reputamos grande honra, porque deles podem ter filhos?". E o cronista capuchinho acrescenta:

"Até então, com efeito, isto lhes pareceu favor muito grande, e vendo agora os franceses de nossa companhia não agiam com a mesma liberdade dos nossos antecessores, julgavam essa abstinência um desprezo para eles, e era isso um motivo de grande descontentamento para suas filhas, algumas das quais cheias de desespero diziam que se iriam retirar para os matos, por não serem queridas pelos franceses a que chamavam de seus bons compadres".<sup>9</sup>

Por conseguinte, não apenas os missionários se recusavam a aceitar as mulheres oferecidas pelos indígenas, mas também vetavam essa prática aos europeus que conviviam com eles, como forma de preservação da moralidade cristã. Para a mentalidade indígena, porém, o relacionamento sexual constituía uma forma de expressar a existência de amizade

6. Lery, Jean, de, *Viagem à terra do Brasil*, Belo Horizonte, Itatiaia, 1980, P. 206

7. Martinho de Nantes, *Relação de uma missão no rio São Francisco*, São Paulo, Ed. Nacional, 1979, pp. 9-10

8. Vasconcelos, Simão de, *Crônica da Companhia de Jesus*, Petrópolis, Vozes, 1977, v. II, p. 89

9. Claude D'Abbeville, *História da Missão dos Padres Capuchinhos na ilha do Maranhão e terras circunvizinhas*, Belo Horizonte, Itatiaia, 1985, p. 63

entre dois povos. Mas essa tradição começou a ser rompida, pouco a pouco, pela repressão dos padres.

Os religiosos passaram também a ser considerados pelos indígenas como os feiticeiros dos brancos, dotados, aliás, de maior poder, como atesta frei Martinho de Nantes:

"Esses pobres cegos imaginam que os padres e os religiosos são os feiticeiros dos brancos; é assim que dominam aos portugueses e a todos os brancos em geral; mas estão persuadidos de que os que chamam feiticeiros dos brancos sabem muito mais que seus próprios feiticeiros e é por essa razão que os temem extraordinariamente, e tanto se persuadem desse erro, que é difícil convencê-los do contrário"

E acrescenta em seguida:

"Isso me valeu em várias ocasiões em que corri risco de vida, pois sem o receio de que eu me valesse de alguma praga que os fizesse morrer ou adoecer, ou sofrer algum mal, não me teriam poupado; falo de outras aldeias que não eram cristãs e nas quais eu não morava, e também das tribos selvagens, em que me encontrei em diversos momentos."<sup>10</sup>

Essa conceituação do poder extraordinário dos missionários acaba constituindo um elemento favorável não só para que os indígenas buscassem a aliança com os europeus, mas também para que se sentissem motivados a aceitar os princípios religiosos por eles apresentados, resultante do temor generalizado de sofrerem os terríveis castigos apregoados por eles.

### III- A NECESSIDADE DE ALIANÇA E PROTEÇÃO DOS BRANCOS

O desejo de usufruir dos benefícios da cultura européia levou os povos indígenas não só a aceitarem, mas até mesmo tomarem a iniciativa com relação a pactos de amizade e aliança com os brancos.

Nas primeiras décadas de presença européia no território brasileiro, os acordos de amizade eram expressos através de casamentos entre brancos e índias. Para os indígenas, a aceitação da oferta de suas mulheres por parte dos europeus, significava o compromisso de amizade entre os dois povos, tornando-se os filhos a garantia desse pacto. Assim sendo, o processo de miscigenação racial caminhou rapidamente. É o que afirma Gabriel Soares de Souza, escrevendo em sua obra de 1587:

"Ainda que pareça fora de propósito o que se contem neste capítulo, pareceu decente escrever o que nele se contem, para se melhor entender a natureza e condição dos tupinambás, com os quais os franceses, alguns anos antes que se povoasse a Bahia, tinham comércio; e quando se iam para a Europa com suas naus carregadas de pau tinta, algodão e pimenta, deixavam entre os gentios alguns mancebos para aprenderem a língua e poderem servir na terra, quando tornassem da França para lhes fazer seu resgate; os quais amancebaram na terra, onde morreram, sem se quererem tornar para a França, e viveram como gentios com muitas mulheres,

das quais, e dos que vinham todos os anos à Bahia e ao rio Sergipe, em naus da França, se inçou a terra de mamelucos, que nasceram, viveram e morreram como os gentios; dos quais há hoje muitos seus descendentes, que são louros, alvos e sardos, e havidos por índios tupinambás, e são mais bárbaros que eles. E não é de espantar serem estes descendentes dos franceses alvos e louros, pois que saem a seus avós".<sup>11</sup>

Esses pactos tiveram no hínico da colonização um caráter marcadamente mercantil. Os índios se comprometiam a abastecer os naus dos brancos com os produtos da terra para receber em troca os objetos trazidos pelos europeus.

Com o correr do tempo, as alianças entre os indígenas e os brancos passam a ter uma característica típica. Já não se tratava apenas de buscar junto aos europeus proteção contra as tribos rivais, mas também de definir-se em favor de um grupo que disputavam a dominação colonial no território brasileiro. Dessa forma os índios se dividiam em aliados dos portugueses, dos espanhóis, dos franceses ou dos holandeses.

É nesse sentido que se expressava o chefe tupinambá Japiáçu, ao receber Rasily, chefe da expedição francesa de 1612, destinada ao Maranhão:

"Estou muito contente, valente guerreiro, com o fato de teres vindo a esta terra para fazeres a nossa felicidade e nos defenderes contra os nossos inimigos. Já começávamos a nos

aborrecer por não vermos chegar os franceses sob o comando de um grande morubixaba; já tínhamos resolvido deixar esta costa e abandonar esta região com receio dos peró, nossos inimigos mortais, e havíamos deliberado embrenhar-nos por esta terra a dentro até onde jamais cristão nos visse, e estávamos decididos a passar o resto de nosso dias longe dos franceses, nossos bons amigos, sem mais pensarmos em foices, machados, facas e outras mercadorias, e conformados em voltar à antiga e miserável vida de nossos antepassados que cultivavam a terra e derrubavam as árvores com pedras duras.

Deus porém teve pena de nós e te mandou para cá, não como os naturais de Diepe, pobres marinheiros e negociantes, mas como um grande guerreiro, trazendo consigo muitos outros bravos soldados para defender-nos e pai e profetas para nos instruir na lei de Deus."

E mais adiante conclui:

"Nosso filhos aprenderão a lei de Deus, vossas artes e ciências, e com o tempo se tornarão vossos iguais; haverá então alianças de parte a parte, de modo que já ninguém pensará que não somos franceses"<sup>12</sup>

Dias depois, em resposta ao intérprete de Vaux, o chefe Japiáçu voltava a afirmar o seu desejo de obter a aliança e a proteção dos franceses:

"Disse que sempre fora amigo dos franceses e que neles reconheceu uma convivência muito mais agradável e branda do que na dos peró

10. Martinho de Nantes, *Relação de uma missão no rio São Francisco*, São Paulo, Ed. Nacional, 1979, p. 6

11. Souza, Gabriel Soares de, *Tratado descritivo do Brasil em 1587*, São Paulo (?)  
12. Claude D'Abeville, o.c., pp 59-60; 84

e de outros; que sempre desejara obedecer-lhes e aceitar-lhes a proteção; por isso, muita satisfação experimentava com a chegada deles, e com a notícia de que aqui tinham vindo para fixar residência, e fazer da nação francesa e da sua uma só pátria..."<sup>12</sup>

Na realidade, essa aliança era motivada sobretudo em face da antiga opressão sofrida por parte dos portugueses, os *peró*, como chefe Japiáçu declarava expressamente.

Também os *potiguares* e os *tapuias*, que anteriormente haviam sido combatidos violentamente pelos portugueses durante a conquista da Paraíba, a partir de 1631 passaram a fazer aliança com os holandeses, como refere Frei Manuel Calado:

"Tanto que os índios da terra *potiguares*, chamados ordinariamente *caboclos*, e os *tapuias*, todos grandes inimigos do sangue português, viram as duas fortalezas do Arraial e de Nazaré rendidas, e que o general Matias de Albuquerque e seu primo Duarte de Albuquerque Coelho se haviam retirado para a Alagoa... e logo ao ponto se foram meter com os holandeses e se ofereceram a lhes dar toda a capitania de Pernambuco conquistada, e tão sujeita não houvesse jamais português que ousasse levantar os olhos..."<sup>13</sup>

Por outro lado, não faltaram também os índigenas que, catequizados pelos missionários lusos, se colocaram a serviço do Império Português, como recorda Martinho de Nantes:

"O Estado também tirou vantagens de nossa missão... pelo aumen-

to de súditos e fiéis, sempre dispostos a socorrê-lo na medida de suas forças, como aconteceu com a nação denominada *caboclos*, com a qual os portugueses repeliram os holandeses do Brasil, o que só foi possível com a cooperação deles."<sup>14</sup>

Dessa forma, às rivalidades das tribos indígenas se sobrepunham os conflitos entre os diversos grupos europeus que disputavam o território brasileiro. E os índios, evidentemente, se aliavam mais úteis a seus interesses de sobrevivência.

Na medida em que os europeus mudavam suas perspectivas com relação às terras brasileiras, alterava-se também a forma de diálogo com os indígenas. De início, os brancos estavam pouco interessados na colonização do território, tendo como preocupação predominante a exportação de produtos com as respectivas pátrias de origem. Com o decorrer do tempo, porém, tanto os portugueses, como os espanhóis, os franceses e os holandeses começam a entrever a necessidade de fixar-se no solo brasileiro, mediante a implantação de colônias, garantia de sua atividade comercial. Nesse caso era necessário não só afirmar o poder político das metrópoles, como também impor os credos religiosos a que estavam filiados e que constituíam uma das marcas mais expressivas de sua cultura.

Dessa forma, os índios passaram a ser obrigados paulatinamente a aceitar a dominação política e religiosa dos europeus.

Nas primeiras décadas, quando havia ainda um certo deslumbramento com relação ao valor e poder dos brancos, esse processo de dominação política e religiosa foi realizado com certa facilidade, pois os indígenas não tinham ainda consciência das conseqüências que isso ia trazer para sua existência e para a sua maneira de viver.

Por isso, os primeiros relatos dos missionários falam com grande entusiasmo do processo de conversão dos indígenas. Pouco a pouco, porém, estes começam a reagir negativamente, havendo fugas e revoltas. Os próprios missionários passam então a ter uma consciência mais realista sobre a possibilidade de cristianização dos ameríndios, dentro dos moldes da rígida otodoxia então vigente.

#### VI- VIOLÊNCIA E OPRESSÃO POR PARTE DOS EUROPEUS

Os povos indígenas, por sua vez, se foram dando conta de que a anterior proteção oferecida pelos brancos não era senão um instrumento mediante o qual os europeus podiam afirmar a sua dominação, reduzindo-os com frequência à condição de servos e escravos.

Essa atitude foi típica sobretudo dos lusitanos, necessitados de mão-de-obra para implantar a produção açucareira na colônia.

Uma descrição bastante expressiva do processo, através do qual os portugueses foram transformando a proteção oferecida aos índios em do-

minação, é feita pelo chefe tupinambá Momboreacú, conforme o relato de Claude D'Abbeville:

"Vi a chegada dos *peró* em Pernambuco e Potiú; e começaram como vós os franceses, fazeis agora. De início, os *peró* não faziam senão traficar, sem pretenderem fixar residência. Nessa época, dormiam livremente com as raparigas, o que os nossos companheiros de Pernambuco reputavam grandemente honroso. Mais tarde, disseram que nos devíamos acostumar a eles, e que precisavam construir fortalezas para se defenderem, e edificar cidades para morar conosco. E assim parecia que desejavam que construíssemos uma só nação. Depois começaram a dizer que não podiam tomar as raparigas sem mais aquela, que somente lhes permitia possuí-las por meio do casamento, e que não podiam casar sem que elas fossem batizadas, e para isso eram necessários *paij*. Mandaram vir os *paij*, e estes ergueram cruzeiros e principiaram a instruir os nossos e a batizá-los. Mais tarde afirmaram que nem eles nem os *paij* podiam viver sem escravos para os servirem e por eles trabalharem, e assim, se viam constrangidos os nossos a fornecê-los. Mas não satisfeitos com os escravos capturados na guerra, quiseram também os filhos dos nossos, e acabaram escravizando toda a nação; e com tal tirania e crueldade a trataram, que os que ficaram livres ficaram, como nós, forçados a deixar a região."<sup>15</sup>

13. Calado, Manuel, *O valeroso Lucideno*, Belo Horizonte, Itatiaia, 1987, V. I., p. 67

14. Martinho de Nantes, *Relação de uma missão no rio São Francisco*, São Paulo, Ed. Nacional, 1979, p. 23

15. Claude D'Abbeville, *História da Missão dos Padres Capuchinhos na ilha do Maranhão e terras circunvizinhas*, Belo Horizonte, Itatiaia 1975, p.115

Momboreaçú, portanto, assinala bem nitidamente os passos que levaram os brancos a mudar sua atitude com relação aos indígenas.

Numa primeira etapa, havia apenas o intercâmbio de mercadorias e o relacionamento sexual era a forma de expressar a amizade.

Numa segunda etapa, os portugueses decidiram fixar-se no território e os índios começaram a ser obrigados a trabalhar para eles gratuitamente. Iniciava-se então a ação missionária, não mais se expressando a aliança através do intercâmbio sexual.

Numa terceira etapa, correspondente à plantação da lavoura açucareira, os portugueses começaram a sentir necessidade de mão-de-obra escrava, e os índios foram obrigados a provê-los através de guerras com as tribos vizinhas.

Por fim, os portugueses transformaram seus próprios aliados em escravos. Daí a fuga dos índios que conseguiram escapar a essa dominação violenta.

Extremamente arguto, Momboreaçú notava que os franceses estavam repetindo o mesmo percurso da dominação:

"Assim aconteceu com os franceses. Da primeira vez que viestes aqui, vós o fizestes somente para traficar. Como os peró, não recusáveis tomar nossas filhas, e nós nos julgávamos felizes quando elas tinham filhos. Nessa época, não faláveis em aqui vos fixar; apenas vos contentáveis com visitar-nos uma vez por ano, permanecendo entre nós somente duran-

te quatro ou cinco luas. Regressáveis então a vosso país, levando os nossos gêneros para trocá-los com aquilo que carecíamos. Agora já nos falais de vos estabelecerdes aqui, de construídes fortalezas para defender-nos contra os nossos inimigos. Para isto, trouxestes um morubixaba e vários pai. Em verdade estamos satisfeitos, mas os peró faziam o mesmo. Depois da chegada dos pai, plantastes cruzeiros como os peró. Começais agora a instruir e batizar tal qual eles fizeram. Dizeis que não podeis tomar as nossas filhas senão por esposas, e após terem sido batizadas. O mesmo diziam os peró. Como estes, vós não queríeis escravos, a princípio; agora os pedis e os quereis como eles no fim."<sup>16</sup>

Na realidade, na medida em que aumentavam os interesses comerciais, acentuava-se também a dominação sobre os indígenas, transformados progressivamente de colaboradores e aliados em servos e escravos.

Foi também a quebra das antigas alianças por parte dos lusitanos que levou os tamoios do Rio de Janeiro a se transformarem em aliados dos franceses. Quando os jesuítas Nóbrega e Anchieta tentaram convencê-los a reatar os pactos de amizade com os portugueses, não faltaram as queixas por parte deles a respeito das infidelidades anteriores, conforme refere Simão de Vasconcelos:

"Chegava-se o tempo de concluir o assento das pazes, entraram outra vez em conselho, presentes os padres. Aqui desabafaram então alguns

anciãos, queixando-se de antigas mágoas. Diziam que os portugueses foram os primeiros que quebraram as pazes firmadas de uma e outra parte, lhes fizeram guerra e os cativaram, e os trataram como bestas de carga. Vós outros (diziam eles) quando nós começamos a guerra contra os terminós, gente de Grande Gato, confiados na multidão de arcos de nossos inimigos, os ajudastes, pelejando com eles contra nós; mas Deus nos ajudou, e o podemos mais; porém agora e aqui calaram. Sabia muito bem o Padre Nóbrega que tudo o que diziam era verdade"<sup>17</sup>.

Por conseguinte, duas eram as principais acusações dos tamoios com respeito ao comportamento dos portugueses: em período anterior, o rompimento do pacto de aliança e a redução dos indígenas à condição de escravos; em época mais recente, a colaboração dos portugueses com os terminós contra os próprios tamoios. Os jesuítas aliás, sabiam perfeitamente da veracidade desses fatos.

Dessa forma, as quebras de aliança e a opressão por parte dos brancos passaram a constituir o motivo principal das rebeliões dos indígenas, transformados assim em inimigos dos brancos em geral, ou de determinado grupo étnico em particular. Um dos aspectos que aparece com bastante nitidez nos documentos da história colonial é a percepção cada vez maior que os indígenas passam a ter da utilização da crença religiosa como instrumento de

dominação.

Um caso bem típico dessa consciência aparece entre os tupinambás do Maranhão, os quais haviam fugido do litoral de Pernambuco e Paraíba afim de escapara à morte e à escravidão por parte dos portugueses.

Numa carta endereçada ao superior religioso de Paris, em data de 15 de julho de 1613, o capuchinho Ivo D'Evreux afirmava:

"Os selvagens cada vez tem maior afeição aos franceses, e estes os fazem mais valente do que nunca. Quanto aos vizinhos que por aqui se podiam temer, isto é, os portugueses, os espanhóis e ingleses, eles os aborrecem de tal forma, que antes queriam ir de cabeça baixa para o inferno do que receber o cristianismo da mão deles..."<sup>18</sup>

A instrumentalização política da religião era denunciada sobretudo no sentido de que a aceitação da fé cristã constituía com frequência o caminho aberto para que os indígenas fossem submetidos à dominação dos brancos, e reduzidos em seguida à escravidão.

O jesuíta João Daniel reconhecia que os aldeamentos se transformavam com frequência no primeiro passo à escravidão dos índios da Amazônia. Segundo ele, "nas missões portuguesas, o mesmo é fazerem-se cristãos os índios que ficam obrigados a servirem aos brancos e europeus". Na medida em que os índios eram aldeados, imediatamente os lusitanos aproveitavam-se

16. Claude D'Abeville, o.c.; 115-116

17. Vasconcelos, Simão de, *Crônica da Companhia de Jesus*, Petrópolis,

18. Claude D'Abeville, o.c., p. 291



deles para explorá-los como mão-de-obra e regime de escravidão: "sendo antes isentos, quando gentios, são tratados como ou pior que escravos, como católicos".

Daí evidentemente a recusa dos indígenas em aceitar a conversão, proclamando que não era senão um pretexto para colocá-los sob a dominação branca, como deixou registrado o próprio João Daniel:

"Os índios... nos domínios portugueses têm muita dificuldade de fazerem-se cristãos, por não estarem sujeitos aos brancos, e muitas vezes respondem aos missionários que por si ou por outrem os pratica para grêmio da igreja, que isso é capa para os obrigarem no serviço das orações"<sup>19</sup>

Assim sendo, o sonho de uma vida mais feliz, desfrutando as vantagens dos conhecimentos dos brancos e de sua dominação sobre a natureza transformava-se com frequência em pesadelo para os indígenas. Conviver com os brancos significava na maior parte dos casos servidão e sofrimento.

Não deixa de ser interessante a esse respeito a confissão feita pelo índio Fernão Ribeiro diante do tribunal do Santo Ofício estabelecido na Bahia, em data de 12 de agosto de 1591:

"E confessando-se disse que haverá dois anos que dizendo-lhe outro gentio por nome Simão que os cristãos que comungavam tinham costume de usar de caridade dando

esmolas e favores aos próximos, e que tem eles entre si que os que comungam são os homens mais virtuosos, então ele confessante respondeu ao dito Simão que naquele sacramento da comunhão estava a morte, e quem comungava recebia a morte".

E o mesmo documento acrescenta:

"E que sabendo isto o padre superior da dita aldeia João Alvares da Companhia de Jesus, que tem cuidado de os doutrinar e instruir na fé, o prendeu e penitenciou, e o mandou estar em público na Igreja pedindo perdão a todos e tomando disciplina, ao que ele satisfez..."<sup>20</sup>

Parece bastante claro que a reação do índio diante da afirmação da dignidade do culto cristão expressa um sentimento de revolta, ao perceber que a caridade cristã se restringia aos brancos e que com frequência a religião católica, ao invés de ser uma fonte de vida para os indígenas, se transforma num instrumento de opressão e morte.

## V — OS CULTOS INDÍGENAS COMO INSTRUMENTO DE LIBERTAÇÃO

Se de um lado a prática da religião cristã era considerada como uma porta aberta para a dominação colonial, de outro a manutenção dos antigos rituais e tradições religiosas passou a ser considerado como uma forma de resistência e um espaço de liberdade para diversas populações indígenas.

Em muitos desses rituais as mulheres tinham uma presença significativa e eram consideradas pelos missionários como as piores inimigas do culto cristão. Por isso, no Auto de São Sebastião, Anchieta coloca na boca do demônio Amberê a seguinte prestação de contas a seu chefe Guaixará:

"Trouxe aos tapuias os trastes das velhas que tu instruíste em Mangueá-que isto baste. Que elas são de fato más, fazem feitiço e mandinga e esta lei de Deus não vinga."<sup>21</sup>

A forte participação das mulheres no controle do sagrado espantava e irritava sobremaneira os colonizadores habituados a uma expressão religiosa totalmente dominada pelos homens. Além disso, com frequência, elas estimulavam os indígenas a resistirem à escravidão por parte dos brancos, como anota Gandavo:

"Todos seguem muito o conselho das velhas, tudo o que elas lhes dizem, e tem-no por muito certo; daqui vem a muitos moradores não comprarem nenhuma, por não lhes fazerem fugir seus escravos."<sup>22</sup>

Mas foi sobretudo através dos cultos de santidade que os indígenas puderam expressar o seu desejo de libertação da opressão dos brancos. Esses rituais eram celebrados desde época muito antiga e seus profetas eram designados com o título honroso de *caraibas*, designação utilizada inicialmente para os próprios europeus. Ao referir-se a esses ministros religiosos, Jean de Lery escreve:

"Os selvagens admitem certos falsos profetas chamados *caraibas*, que andam de aldeia em aldeia como os tiradores de ladainhas, e fazem crer não somente que se comunicam com os espíritos, e assim dão força a quem lhes apraz, para vencer e suplantar os inimigos da guerra, mas ainda persuadem terem a virtude de fazer com que cresçam e engrossem as raízes e frutos da terra do Brasil".<sup>23</sup>

Esses rituais, portanto, tinham duas funções básicas: por um lado garantir aos indígenas a alimentação necessária mediante a fertilidade dos campos, e, por outro, assegurar-lhes a paz e a prosperidade através da vitória sobre os seus inimigos.

Progressivamente, porém, os brancos passam a ser os inimigos mais temidos. De fato, no século XVI começou a mudar rapidamente para essas populações o teor de vida. Antigos donos da terra passaram a ser aprisionados, conduzidos à servidão ou obrigados a se refugiar no interior quando não eram mortos nos combates.

Em conseqüência dessa situação, o culto religioso passou a enfatizar o ideal messiânico de libertação indígena. Por todo o litoral começou a ser organizado um movimento de caráter religioso, conclamando as populações indígenas a defenderem a sua cultura e a sua liberdade contra a dominação branca.

Eis a declaração de Luiza Barbosa, em data de 23 de agosto de 1591, diante do tribunal do Santo ofício em Salvador:

19. Daniel, João, *Tesouro Descoberto no rio Amazonas*, Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, 1976, p. II, pp. 41-42.

20. Primeira visitação do Santo Ofício às partes do Brasil. Confissões da Bahia, 1591-1592, Rio de Janeiro, F. Briguiet Ed 1935, p. 37

21. Anchieta, José de, *Auto de São Lourenço*, Rio de Janeiro, Ed. Tecnoprint 1985, p. 53

22. Gandavo, Pero de Magalhães, *Tratado da Gente do Brasil*.

23. Lery, Jean de, *Viagem à terra do Brasil*, Belo Horizonte, Itatiaia 1980, pp. 209-210.

"Confessando-se disse que, sendo ela moça de doze anos pouco mais ou menos, se levantou nesta capitania, entre os gentios e índios deste Brasil Cristão, se levantou uma alusão chamada entre eles a santidade, como muitas vezes também disso se levantou também nesta capitânia. A qual era que diziam os dito Brasis, assim cristãos como gentios, que aquela sua santidade era um Deus que eles tinham que lhes diziam que não trabalhassem porque os mantimentos por si próprios haviam de nascer e quem não cresce naquela santidade se havia de converter em paus e pedras, e que a gente branca se havia de converter em caça... para eles comerem, e que a lei dos cristãos não prestava, e assim diziam e tinham muitos outros despropósitos."<sup>24</sup>

Com razão os missionários católicos viam no culto da santidade uma presença demoníaca, De fato, ela alimentava nos indígenas idéias de que podiam subverter toda a ordem social imposta pela dominação colonial.

Outro depoimento bastante significativo é do mameluco Gonçalo Fernandes. Proclamando-se cristão velho, em sua confissão de 13 de janeiro de 1592 na Bahia, afirmava que o culto de santidade representava uma força de união entre as populações indígenas, livres ou escravas, pagãs ou cristãs.

"E confessando-se disse que haveria seis anos, pouco mais ou menos, que no sertão desta capitânia para a banda de Jaguaripe se levantou uma erronia e idolatria gentílica,

a qual sustentavam e faziam os brasis deles pagãos e deles cristãos, e deles foros e deles escravos, que fugiam a seus senhores para a dita idolatria, e na companhia da dita abusão e idolatria usavam de contrafazer as cerimônias da igreja, e fingiam trazer contas de rezar como que rezavam e falavam certa linguagem por eles inventada, e defumavam-se com fumos de erva que chamavam erva santa, e bebiam o dito fumo até que caíam bêbados, com ele dizendo que com aquele fumo lhes entrava o espírito de santidade, e tinham um ídolo de pedra a que faziam suas cerimônias e adoravam dizendo que vinha já o seu Deus a livrá-los do cativo em que estavam e faze-los senhores da gente branca, e que os brancos haviam de ficar seus cativos, e que quem não cresse naquela sua abusão e idolatria a que eles chamavam santidade se havia de converter em pássaro e em bichos do mato, e assim diziam e faziam na dita idolatria outros muitos despropósitos."

Na verdade, tratava-se de um conceito verdadeiramente subversivo, pois esse culto mantinha nas populações indígenas a esperança de uma ruptura com o estado de opressão em que viviam.

Gonçalo Fernandes acrescenta em seguida:

"E como quer que a fama e novas das ditas cousas da dita chamada santidade correram e se espalharam por toda esta capitania, logo os brasis todos, escravos e forros, ou fugiam a seus senhores para o dito

sertão a juntar-se na companhia do dito abusão, ou não fugindo, onde quer cá estavam, usavam as ditas cerimônias e criam na dita abusão".<sup>25</sup>

Dessa forma, o culto da santidade passou a constituir um elemento importante para defender a cultura e a unidade dos povos indígenas, tão fortemente atingidos pela dominação colonial.

## CONCLUSÃO

Procurei neste estudo analisar alguns aspectos da dominação colonial a partir da perspectiva de visão dos indígenas brasileiros.

O impacto gerado pelo primeiro encontro com os europeus, quando começaram a aportar em terras brasileiras, foi muito grande. Os indígenas julgaram que os brancos eram seres superiores, pertencentes ao mundo divino. Grande admiração causou o desenvolvimento por eles obtido em determinados setores da cultura: as armas de guerra, os meios de transporte, os instrumentos de trabalho, os enfeites e adornos. O desejo de obter objetos produzidos pelos europeus foi muito grande, estabelecendo-se dessa forma um pacífico intercâmbio comercial. Os indígenas carregavam as embarcações dos europeus de produtos da natureza, recebendo em troca objetos desejados.

Os indígenas expressavam sua amizade pelos brancos oferecendo-lhes suas filhas como esposas. Mas

esta atitude começou a ser vetada pelos missionários em nome da ética cristã. Estes, por sua vez, eram vistos pelos indígenas como feiticeiros poderosos, mas estranhos, em razão da observância do celibato.

Visando obter os favores dos brancos e a proteção contra os seus inimigos, os indígenas passaram a aceitar não só a dominação política, mas também a religião cristã trazida da Europa, esperando dessa forma consolidar os pactos de aliança.

Progressivamente, porém, os europeus foram transformando a proteção oferecida aos índios em opressão, exigindo que trabalhassem gratuitamente em suas obras, obrigando-os depois a obter-lhes escravos para seus serviços, e por último reduzindo a maior parte dos seus antigos colaboradores em escravos, visando o desenvolvimento da produção açucareira.

Dessa forma, a admiração inicial dos indígenas pelos brancos foi se transformando em temor e ódio. A própria fé católica começou a ser vista como um instrumento utilizado para a afirmação do poder europeu. Assim sendo, iniciou-se um movimento de revitalização de sua antiga cultura e de seus rituais religiosos, como forma de sobrevivência. Merece destaque a esse respeito o incremento dado ao culto da santidade em que se desenvolveu um messianismo libertário contra a dominação colonial.

24. Primeira visitação do Santo Offício às partes do Brasil, *Confissões da Bahia*, 1591-1592, Rio de Janeiro Briguiet, ED 1935, p. 85

25. Primeira visitação do Santo Offício às partes do Brasil. *Confissões da Bahia*, 1591-1592, Rio de Janeiro, Briguiet ED, 1935, p. 87